

AINDA HÁ
SOL
NA MONTANHA



POEMAS DE

Antônio Eduardo Apolinário Alves Baptista



134.3-1 Baptista, A

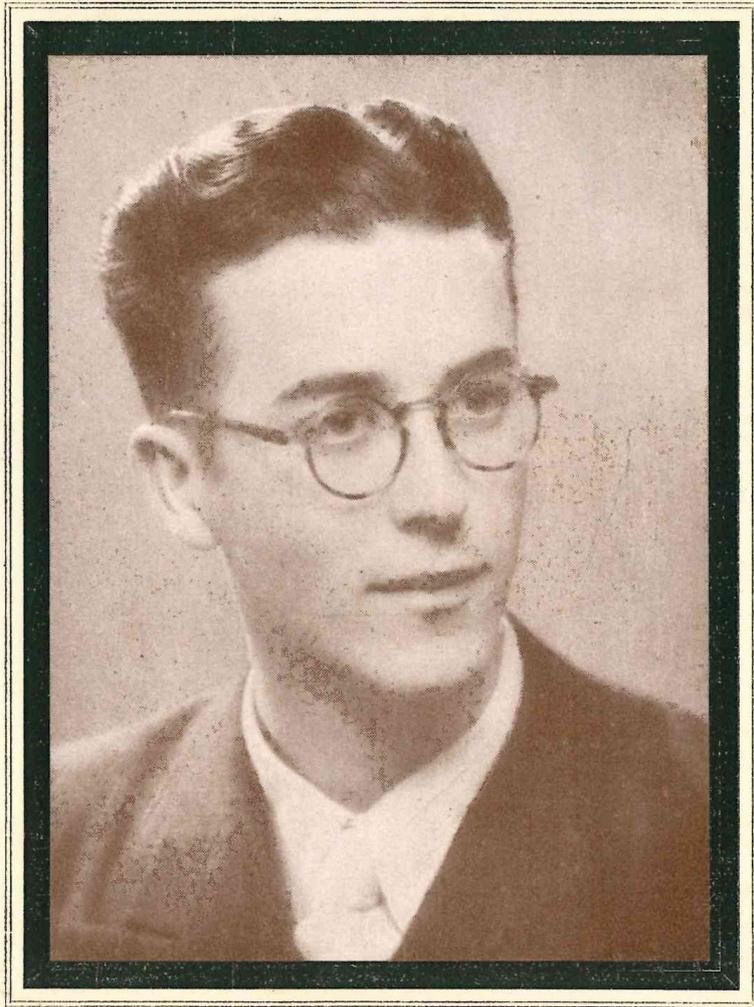
As
Distintas Advogadas,
proceder de direito, f'p'ra as
incumpridas f'p'ra as
pennalmente Bantem,

Terceiro o
aviso acerca e
admoestação

[Signature]
« Fim de 18 anos de
aviso e f'p'ra as
de novo. »

Ainda Há Sol
Na Montanha

[Signature]
15/12/56



*Ainda Há Sol
Na Montanha*

DOEMAS DE

Antônio Eduardo Apolinário Alves Baptista

MUNICIPIO DE BARCELOS
BIBLIOTECA MUNICIPAL
BIBLIOTECA MUNICIPAL

Nº 59121

Barcelos

Composto e impresso nas Ofic.
Gráf. de «O Comércio do Porto»
500 exemplares—Maio de 1944

PREFÁCIO

*P*ede-me o Autor dêste livrinho de versos, o meu muito estimado amigo snr. Baptista, algumas palavras de apresentação aos leitores, do seu primeiro trabalho.

Deferi com o maior prazer, porque, lido com atenção, nele se encontram versos que encantam pela sua simplicidade, pelo seu patriotismo, vibração poética, sentimentalidade e pureza.

É a estreia de um novo cheio de vontade, e todos temos obrigação de o animar, adquirindo o seu livro, lendo-o e recomendando-o, porque merece ser lido e recomendado.

Abre com o poema patriótico «Eu Sou Uma Página da História»— recitado no Teatro de Pinhel, sendo ovacionado pelos muitos espectadores que enchem o Teatro. Ainda sob o mesmo tema encontra-se a poesia «1.º de Dezembro» que faz vibrar a nossa alma de portugueses. Belíssima a «Sinfonia do Silêncio»; grandiosa a de «Eco em Eco»; sentimental a «Fátima»; amorosa a de «Manuel

e Rosa», e tôdas as outras lindas e suaves brotando
inspiração lírica.

*Aparecem algumas faltas? Talvez; mas qual é a
obra que as não tem?*

*Louvores, e grandes, merece o inspirado e nóvel
poeta por êste seu primeiro trabalho.*

*Não receie a crítica e continue sem mêdo, que largo
futuro o espera e louvores de todos os bons portuguezes
não lhe faltarão.*

É o justo vaticínio do seu amigo

Amildo

EXPLICAÇÃO

Estes versos têm um merecimento: São sinceros. Escritos sem intuito de publicidade e tão somente para obedecer a um imperativo interior, aparecem em letra de fôrma porque um grupo de amigos que casualmente os leram, quási a tanto obrigaram.

Neste livro concentrei todos os affectos dos mais formosos dias da minha vida.

Circundei minhas estrofes duma liberdade ingénua, mas que eu julgo ocuparem o lugar determinado, longe das especulações imorais, indistintas e infecundas.

Proclamei a mim mesmo o princípio da observação natural, numa natureza viva.

Criei no meu espírito o ideal pelo belo.

Nas minhas poesias, exteriorisei finalidades, sem contudo me embalar em vaidades que julgo supérfluas. Não me embrenhei num subjectivismo infundado, nem, tão pouco, abdiquei do critério da verdade.

Dentro do limite da percepção-interna sujeitei minhas reflexões, as quais se transformaram em concepções mais perfeitas e menos remotas.

★

A poesia é luz transformada em palavras.

As palavras são notas luminosas em independências festivas.

○ meu espírito vibrou em mim, pela força que a natureza lhe deu.

A poesia é o fruto dum sentimento essencialmente sublime.

Versos: São espirais de brilho que vivificam dum modo gradual a sensibilidade humana.

Os rios, os montes, os vales, as fontes e as próprias ervas são sublimes poemas de harmonia.

○ Poeta modela suas composições, dando-lhes vida, pureza, ampliando-as mais e mais, aperfeiçoando-as sempre e sempre na ânsia ilimitada de atingirem o belo. Foi dominado por êstes ideais que modelei meus singelos poemas.

○ autor

A minha Mãe

A meu Pai

A meu Irmão

Eu sou uma Página da História

Recitada no Teatro de S. Luiz, em Pinhel,
na noite de 1 de Dezembro de 1943,
pela aluna do 6.º ano do Colégio da
Beira, Maria Odete N. Neves.

Glória! Quero viver num prélio ardente,
Lutar, lutar p'la fé eternamente,
E ver sempre liberta a Pátria amada
D'aqueles reis que nos foram devorando ⁽¹⁾
As entranhas dum povo, na essência,
Mártir dum jugo feito à inocência.

Sou a História dum povo em devoção,
Feita de sangue e pó, feita de amor,
A's juras mais que honrosas da razão.
Eu sou da revolução o braço leste,
Feito feito à Justiça, e à nossa História,
A cada passo abrindo esta legenda:
— Portugal! Só a Deus devo a vitória.

Três séculos são passados juntamente,
Em cânticos de heróis numa jornada
Que os anos vão trazendo já cantada,
Cantando a luz do Bem, constantemente.

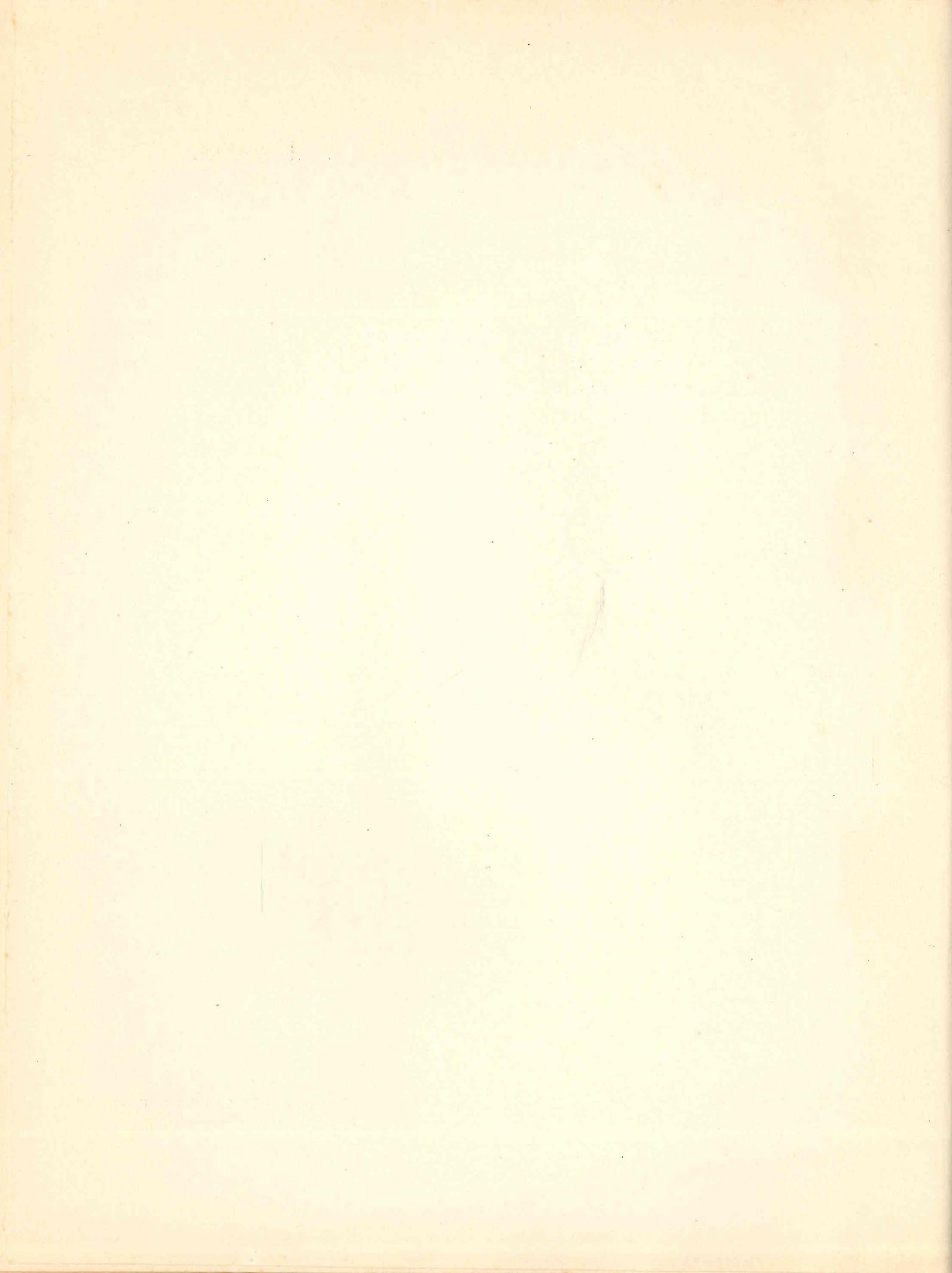
E a Pátria será nossa e restaurada,
Que a língua portuguesa é persistente.

(1) O 4.º verso refere-se aos Filipos.

A Pinhel

De saüdades ando e vivo. E saüdosos
Procuro vêr em Ti, em cada dia,
O tempo que passei tão pressuroso,
Imaginando vêr o que não via.
E agora vejo o dia... nebuloso
E não digo, por certo, o que dizia.





Refração da alma



Sol tombou ainda deslumbrante,
Mas deixou sôbre a terra que acalenta,
Uma outra luz tão bela que alimenta,
A luz do luar, tão terna, e fascinante.

E a lacuna dum prisma que atormenta,
Cala bem fundo em mim a cada instante,
Pois desviou p'ra longe o diamante,
Quão perto aproximou a dôr que aumenta.

No peito meu, tão só e tão vingado,
P'lo êxtasi fatal e apaixonado,
Da luz que cintilou só num repente.

Mas hoje existe apenas a saüdade,
Dum passado de dôr, p'la imensidade,
Do levantar do Sol, ao Sol Poente.



Despedida... numa saüdade

(Versos dedicados às raparigas de Tomar)

Eu quero consagrar-vos, à luz da história,
A minha inspiração de trovador,
E ofertar-vos todo o meu amor,
Sem louros, sem vaidade, e sem glória.

Em Ti cidade bela e perfumada,
Vivi doces encantos, horas de amor,
Também sonhei, também senti o calor,
Do murmúrio da água enamorada.

Os cisnes tão branquinhos, lindas aves,
Fazem lembrar ao meu olhar tão vago,
Beethoven e Chopin, num doce lago,
Roubando à água as notas mais suaves.

Num pensamento belo,
Ardente, enamorado,
Eis tôda a sinfonia
Dum peito apaixonado.

O pensamento diz:
— Abri-te o peito meu, mostrei-te o coração,
Rendi-te e ofertei-te a minha inspiração.

E a voz do coração ousa dizer:

Eu levo, no peito meu,
Um ramo de malmequeres,
P'ra nunca mais me esquecer
Das suas lindas mulheres.

Do Nabão és a princesa,
Do Gualdim tens a história,
Os teus encantos me ficam
Para sempre na memória.

Da Cêrca, recordações
Não me faltam. Acredita:
A paisagem é deslumbrante,
Bendita seja... Bendita.

Sentidos versos te fiz,
Numa vibrante canção,
Acredita! Podes crer,
Esses vão no coração.

Lindos olhos m'encantaram
Com repassada ternura,
Acreditai raparigas,
Eu adoro a formosura.

Sois singelas e formosas,
Muito ternas, delicadas,
Eu fiz p'ra vós um poema,
Onde estais tôdas gravadas.



Tempestade

Ao longe despertou
A calma natureza,
E aqui...
Perto de nós,
Valente suestada,
Parece dominar
Impreterivelmente:
— A terra,
O 'spaço e o céu,
A luz,
O vácuo e o nada.
O Sol escureceu,
E as ondas agitadas,
Em louco escarcéu,
Batem de encontro às rochas,
Com loucas vergastadas.
A natureza treme,
E a luz, eclipsada,
Vai findar no Gethsemani,
Onde morreu o mártir da cruz,
E só aí então,
Se vai ajoelhar.
O vento a sibilar,
Em tom forte e ousado,
Obriga a respeitar:
— O Creador de tudo,
O Deus,
O Increado.

Adeus

Eu vi, na tua imagem inocente,
A luz dum coração anuviado.
Talvez, porque eu partia apaixonado,
Nas ondas dum desejo refulgente...

Parti... Tal como parte o desgraçado,
P'ra, num desejo etéreo e coerente,
Poder eu demonstrar constantemente,
Que também sei sofrer, sem ser culpado.

Mas hoje, o coração tudo escreve!
Eu quero que descreva a imensidade.
Mas... Já não vale a pena, porque a neve,

Também gela. E agora, p'la janela,
Cai mansa e mansamente, uma saüdade.
Voltei! Mas já não vi a minha bela.



Naquele outeiro

(ÉCLOGA)

Pastores: *António e Maria*

ANTÓNIO

Maria, linda Maria,
Tens de ouvir, tens de escutar,
Um exilado da vida,
Sou pastor sem guarida,
Qu'em teu peito quiere morar.

Ao vêr-te naquele outeiro,
Em ti vi o amor primeiro;
E no meu peito a sonhar,
Adormeci num anseio,
Sem jámais querer acordar.

Folgaste quando sorri,
E ao partir embriagado,
Despedi-me quási calado,
Porque calada te vi.

No teu olhar pude vêr,
Que sonhavas e sorrias;
Sorrias num sonho ardente,
E eu? Quási constantemente,
Nos teus olhos me embalei.

A esp'rança num só dia,
Vive em mim, linda Maria,
Porque eu sempre te adorei.

MARIA

Não te quero responder,
Sem primeiro ir consultar
A mãe de Deus, a Senhora,
Que me anda sempre a guiar.

ANTÓNIO

Jura-me por Deus, Maria,
Que hoje mesmo hás-de rezar
Para ouvires da Mãe de Deus,
A resposta que vais dar.

MARIA

Já ouvi Nossa Senhora,
Naquela estrêla distante
Tu és pastor, eu pastora,
Serás meu d'hoje em diante.



Olhos negros

São teus olhos negros, negros,
Duas estrêlas fatais,
Eu sempre quiz esquecê-los,
Mas não consegui jámais.

São teus olhos côr da noite,
Outros iguais nunca vi,
Com tanta luz e fulgor,
Outros nunca conheci.

No teu olhar cismador,
Vejo flâmas de vulcões,
Pois têm o poder estranho,
D'incendiar corações.

Os teus olhos negros, negros,
São estrêlas sensuais,
Eu sempre quiz esquecê-los;
Mas teus olhos são fatais.

É teu rosto assetinado
E céu de duas estrêlas.
O caminhante sou eu,
Que gosto sempre de vê-las.

Nos teus olhos orvalhados,
Dum calor celestial,
Quási bebi todo êsse orvalho,
Numa jarra de cristal.

Dum cristal feito de dôr,
Era a dôr que docemente,
M'embriagava afinal,
Num orvalho que era ardente.

Minutos depois eu via,
Que a luz que m'incendiava,
A mim só, não pertencia,
A muita gente queimava.

A vida é um foco imundo,
De ferrugentas algemas,
Num olhar pouco profundo,

Nada viste... E viste apenas,
O invólucro dêste mundo...



1.º de Dezembro

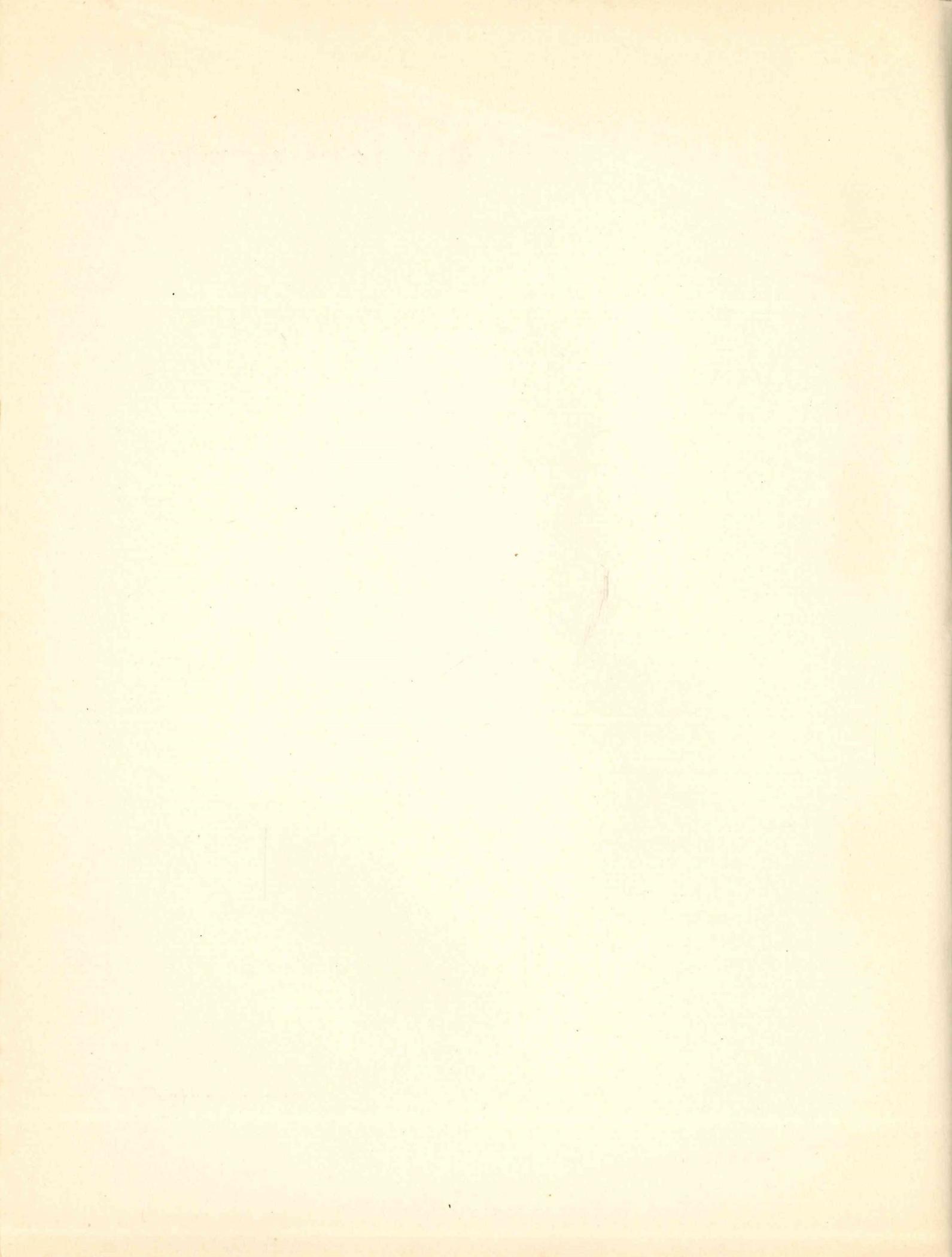
Quem és tu tão disfarçado?
— Sou João Pinto Ribeiro,
Da revolução o primeiro,
Hoje por vós recordado.

Nesta terra já morei,
Inda vejo o que deixei,
Dêsses tempos de glória;
Mas nunca me esquecerei
D'aqueles dias da vitória.

Já lá vão trezentos anos!
Ai como o tempo se passa,
Mas inda venho encontrar,
— A gente da nossa raça.

Raça de heróis, de soldados,
Que comunguei neste altar?
A hóstia que comunguei,
Foi pela Pátria lutar.

Estou vélho, muito velho,
P'ra vos poder recordar,
Aquilo que nós fizemos
Muito em segrêdo e a rezar.



Um grito de dôr

Eu era e nada sou,
Pobre fantasma!
Em volta do meu peito,
— A sombra e a dôr,
A dôr do infinito...
Cantando a cada instante o meu miasma,
Duro como granito.
Qu'importam as sociedades em redor?
Se eu oiço a cada passo,
A cada instante,
Um grito de vingança!
Se vejo ao desgraçado a par e passo,
Roubar o seu trabalho.
E assim, dessa maneira,
Obrigam-no a vergar,
A sofrer e a chorar...
Além no lar imundo, amachucado,
Não há pão, não há nada
E a vida é bestial
Exclama o usurário,
Num grito de indiferença,
Grito maldito d'homem sem ideal,
Sem ideal sentido.

Responde o cavador:
— Eu sei que sabes rezar,
Que entras na catedral,
Mas não sentiste por certo
O meu viver de animal:

A fome,
A miséria,
A dôr...

E o pobre camponês,
Num fúnebre gemido,
Olímpico e profundo,
Exclama com a alma:

— MALDITO SEJA O MUNDO.

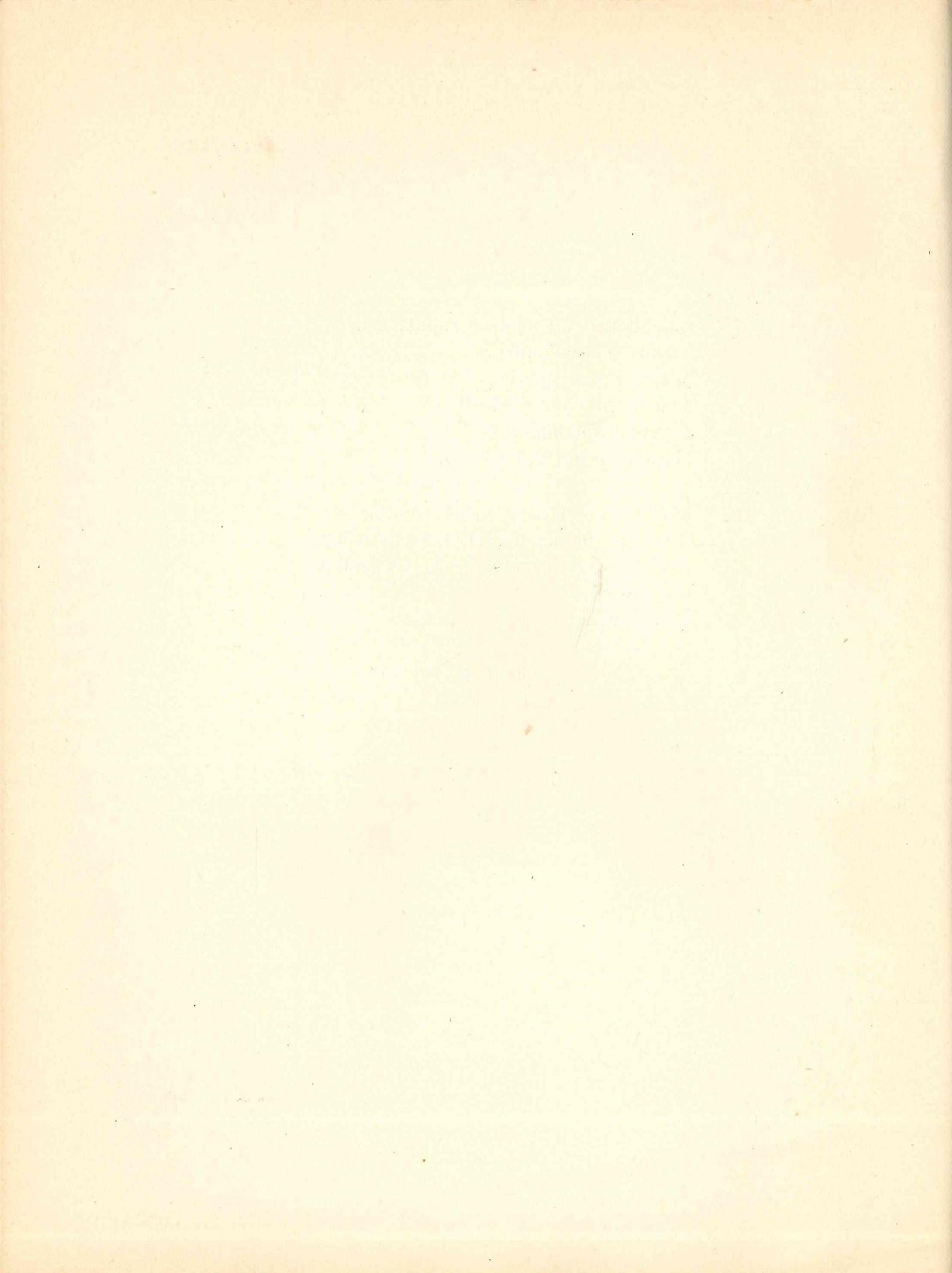


Inquietação

Senti, dentro de mim, a inquietação,
A dôr, o desalento;
E, quási sem querer,
Sem mesmo ter sonhado,
Eu vi-me indefinido,
Julguei-me um condenado.

A nau quiz fundear numa espiral.
Feito de sangue e lágrimas era o laço,
— O laço desmaiado dos meus sonhos,
Tão loucos,
Desvairados,
Tão medonhos,
Como lavas gigantes de vulcão!





Dôr

Quantas vezes a dôr vem de mansinho,
Numa auréola de luz, indefinida.
E o amor, iluminando o meu caminho,
Sorri e chora...
E chora devagarinho.
E a fantasia canta altaneira,
Sôbre os ombros marmóreos
Do corpo semi-nu,
Da gondola garrida
Que rasga o meu destino,
No mar revolto da vida.

Gondola, podes passar!

O meu destino é febre incandescente,
É dôr,
É fé.
A fé do sonho bendito,

Numa romagem eterna ao infinito.



“Sinfonia” do silêncio

I

Primavera, luz da aurora,
Espalhando a adoração,
Os campos beijas agora,
A natureza te adora,
Beijando-te o coração.

Serranias piedosas,
De ermidinhas soturnais,
Os rios beijam as rosas,
As rosas às mariposas
Com anseios celestiais.

A natureza é um altar,
Feito de luz e de amor,
O Sol sempre a brilhar,
É capaz de transformar:
— A tristeza ao lenhador.

Primavera! Minha amiga!
Os teus encantos são tais,
Que, p'ra mim, nem a fadiga,
Se desdenha ser mendiga
De te implorar mais e mais.

Imploro! Sim! Eternamente...
Do princípio ao infinito,
Os sonhos que, de repente,
Te tornaram inocente,
Dum prazer terno e bendito.

Despediu-se das estrêlas,
Numa serenata de amor,
Mas elas sendo tão belas,
Beijaram as suas telas,
E nelas: Saüdaram a flor.

II

Chega o verão cheio de encantos,
Cheio de luz inocente.
Vem cobrir com os seus mantos,
Corpos nus, também os prantos,
De tanta pobreza gigante.

É o Sol uma estrêla,
que dardeja p'los caminhos,
Eu vejo-a pela janela,
Quando se põe é tão bela,
De dulcíssimos carinhos.

À noite quando converso,
E a brisa me vem beijar,
Beijo todo o universo,
E o meu peito fica imerso,
Inconsciente... A sonhar.

Os sonhos são madrigais,
De madrigais vagabundos,
E os pensamentos são tais,
Que outros nunca tive iguais,
Nem tão pouco assim profundos.

Correm rios lacrimosos,
Com saüdades do passado;
Os montes estão chorosos,
Já se sentem desditosos,
De tanto tempo penado.

Pelo ar, uma andorinha
Corre veloz e errante;
É tão linda e boazinha,
E ao mesmo tempo meiguinha,
Hoje e sempre a cada instante.

*O calor trás vida à terra,
A terra dá vida às plantas.
Já amadurece na serra,
O pão nosso que da terra,
Trás a vida às almas santas.*

Ouvem-se ao longe as canções,
Da camponesa queimada,
Sua voz aos corações,
Trás imensas sensações...
Sua voz embriagada.

III

Caem fôlhas verdadeiras,
Em serenatas mui dolentes;
A água corre nas eiras,
Nos telhados pelas beiras
Poisam aves descontentes.

IV

A neve cai mansamente,
Assustada... Desejosa,
Numa balada dolente,
Beija a alma a tôda a gente,
E torna a terra formosa.

Duma camada tão pura,
Cobre todo o horizonte;
No seu sorrir há candura,
No seu falar há doçura,
Desde o vale até ao monte.

A chuva cai dolorida,
Nos penhascos lá da serra;
E a neve cai... Mas sem vida,
Pois que é água derretida,
Nos contornos desta terra.

Minha terra das fogueiras,
Das lareiras aos serões,
Os velhinhos às lareiras,
Recostados nas cadeiras,
São gigantes e anões.

D'aqueles contos de encantar:
— *Era uma vez uma fada...*
Êles contam quási a sonhar,
Numa voz que faz cismar,
P'la melodia contada.

De eco em eco

Contemplo o meu olhar para o passado,
Num eco quási profundo e cristalino,
Aberto às gerações p'ra ser lembrado,
Num lustro mais que longo p'lo divino
Poder, que vem, p'ra ser por nós cantado,
Em silêncio de herói, que é quási dino,
Quando em sonhos distantes cremos vêr:

—D'ECO EM ECO CAMÕES P'RA NÃO DESCRER.

Seu nome e sua glória p'lo império
Jámais se apagarão, e mais além,
Patente e inolvidável... O hemisfério
Confia-lhe o título que tem:

—SOLDADO E POETA
Chama-lhe filho a Pátria Mãe, também.

Num repto persistente e atormentado,
A alma dum poeta tem saudades,
Que só a voz dum peito apaixonado,
Póde cantar à luz da inspiração,

PRÍNCIPE DOS POETAS
Encarna os corações num coração.

Amou como um poeta sabe amar,
Metrificou num gesto tôda uma história,
Cantou quási em silêncio e a rezar:
A dôr da sua alma, a sua glória!

O REI, E O SONHADOR
Encarnam, num só livro, a vitória.

Maior entre os maiores, teu livro encerra:
A inspiração profunda... A fé e a terra
Dum povo imortal d'engenho e arte,

CANTADO PELO MUNDO EM TÔDA A PARTE.



O desaparecer do Sol

A minh'alma está triste, o Sol tombou,
P'ra num beijo profundo escurecer:
A terra, tôda a terra que beijou,
No sonho mais que eterno do seu querer.

Dormiu, sempre acordado, p'ra fazer
As confissões eternas que cantou,
Nas noites bem fadadas do prazer,
Nas noites bem felizes que amou.

O Sol se foi, e a luz se foi também,
P'ra num ósculo divino abraçar
O disco luminoso que nos vem,
Dizer baixinho assim: Eu sou o luar,
A luz dos pensadores, a luz do além;

MUITO VASTA E PROFUNDA COMO O MAR!



Ramalhete

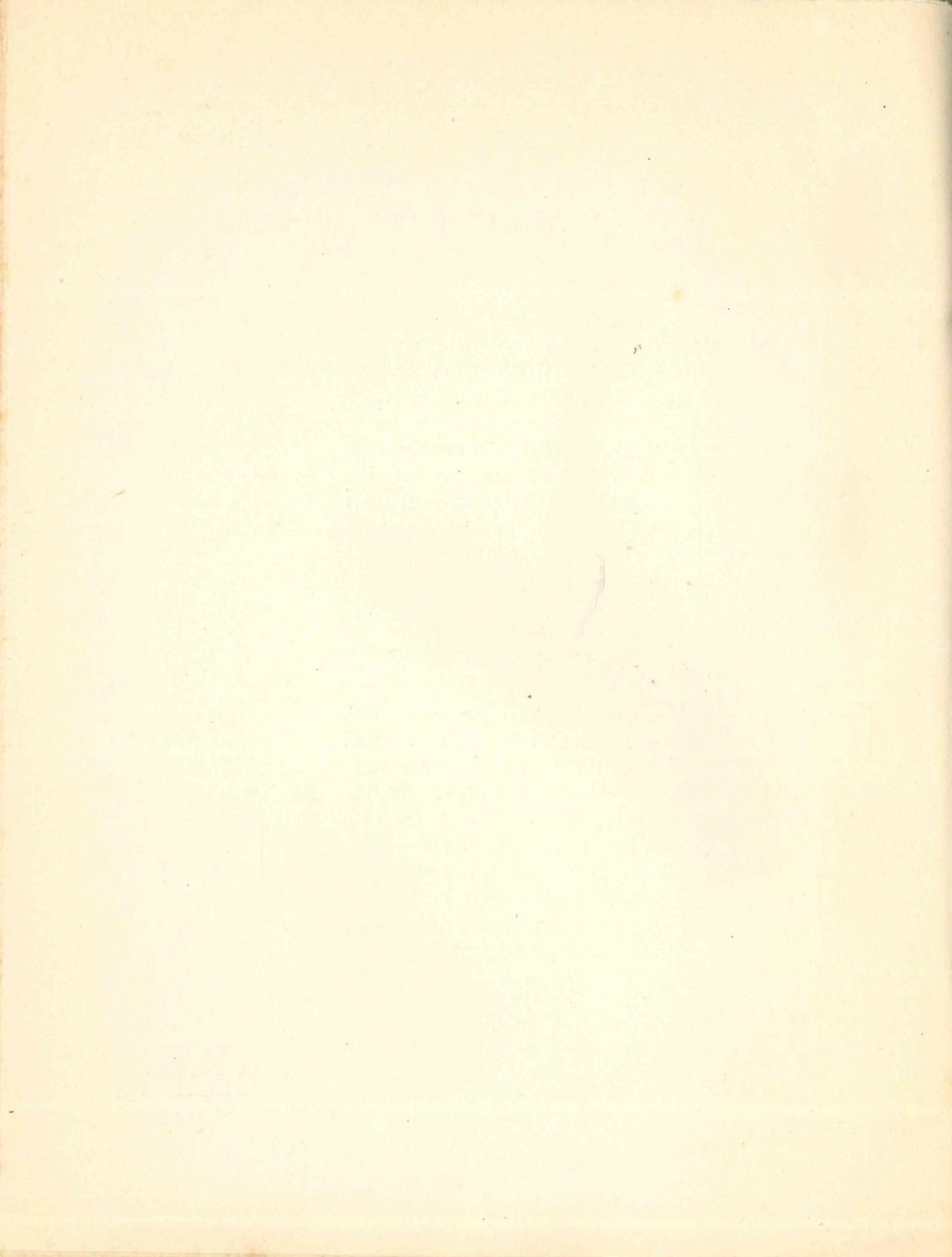
Amáste, eu sei, e amáste uma só vez,
Dôce paragem do meu triste olhar,
Tu sorrias p'ra mim com timidez,
E eu, então, ficava-me a sonhar...

Sonhava com profunda devoção,
Tudo em mim era dôce poesia...
Bailava nos meus olhos alegria!
Vibrava no meu peito o coração.

Sentia-me feliz, tudo era amor;
O som da tua voz, o teu sorrir,
A luz do teu olhar a convergir,
Para aquecer meu peito ainda em flôr.

És bela como a luz do teu olhar;
Cândida como a brisa da manhã;
Augusta e radiosa, pura e sã,
Como o esmalte branco do luar.

Sonhava sonhos belos, côr de rosa,
Batidos pela luz dum terno olhar,
E acordava inspirado p'ra cantar,
Os teus dons de deidade mist'riosa!



MANEL

*N*a chama do teu olhar,
Vejo a luz que o céu te deu;
Quem desdenha quer comprar,
Eu compro a luz de teu céu.

Sendo tu Rosa formosa,
Não devias ter espinhos,
Podias ser caridosa,
Aceitando meus carinhos.

ROSA

Palavras leva-as o vento,
O vento leva-as na mão,
A mim, só por juramento,
Comprarás meu coração.

Meu coração é profundo,
Um frasquinho perfumado,
Em se lhe tirando a tampa,
Fica tudo encantado.



Descortinando o infinito

SONHANDO



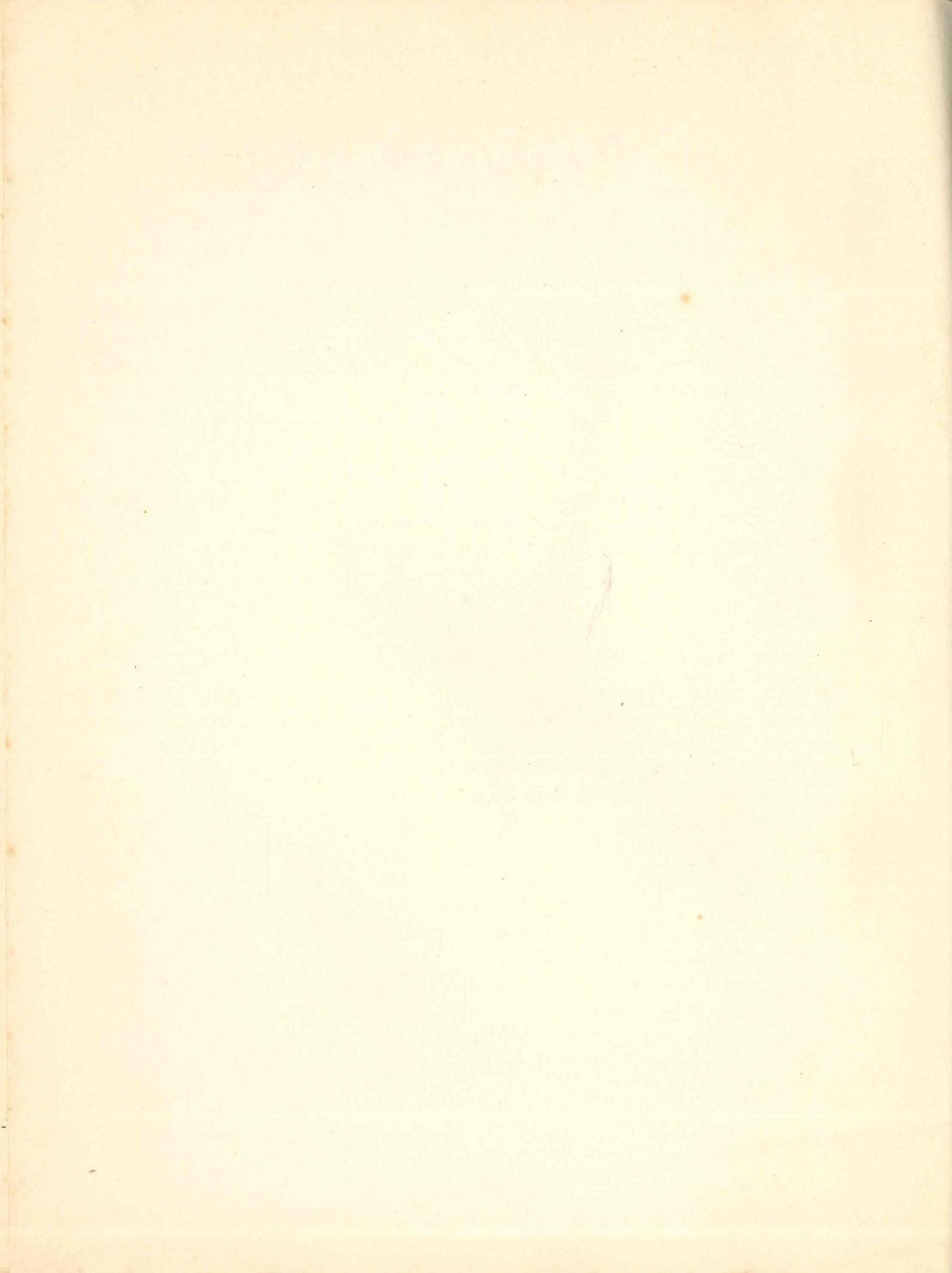
magestosos montes que cantei,
Num silêncio etéreo e bendito,
Capelas naturais onde rezei,
O meu eterno sonho! O infinito!

Convosco à luz do Sol olhei contrito,
E descobri sem querer o que sonhei;
A imensidade e o amor que idealizei,
Unidos um ao outro, p'ra num grito,

Saüdar a natureza e a harmonia,
Num lampejo de fé e santidade,
No órgão sacrosanto d'alegria.

E d'alegria encher os vales e montes,
Os campos semear com a saüdade,
Da água que bebi naquelas fontes.





Fátima

Ninguém pode escutar na multidão,
Um frémito profundo em que só eu
Ouvir pudéra alguém... Numa oração,
Que em lágrimas voava para o céu.

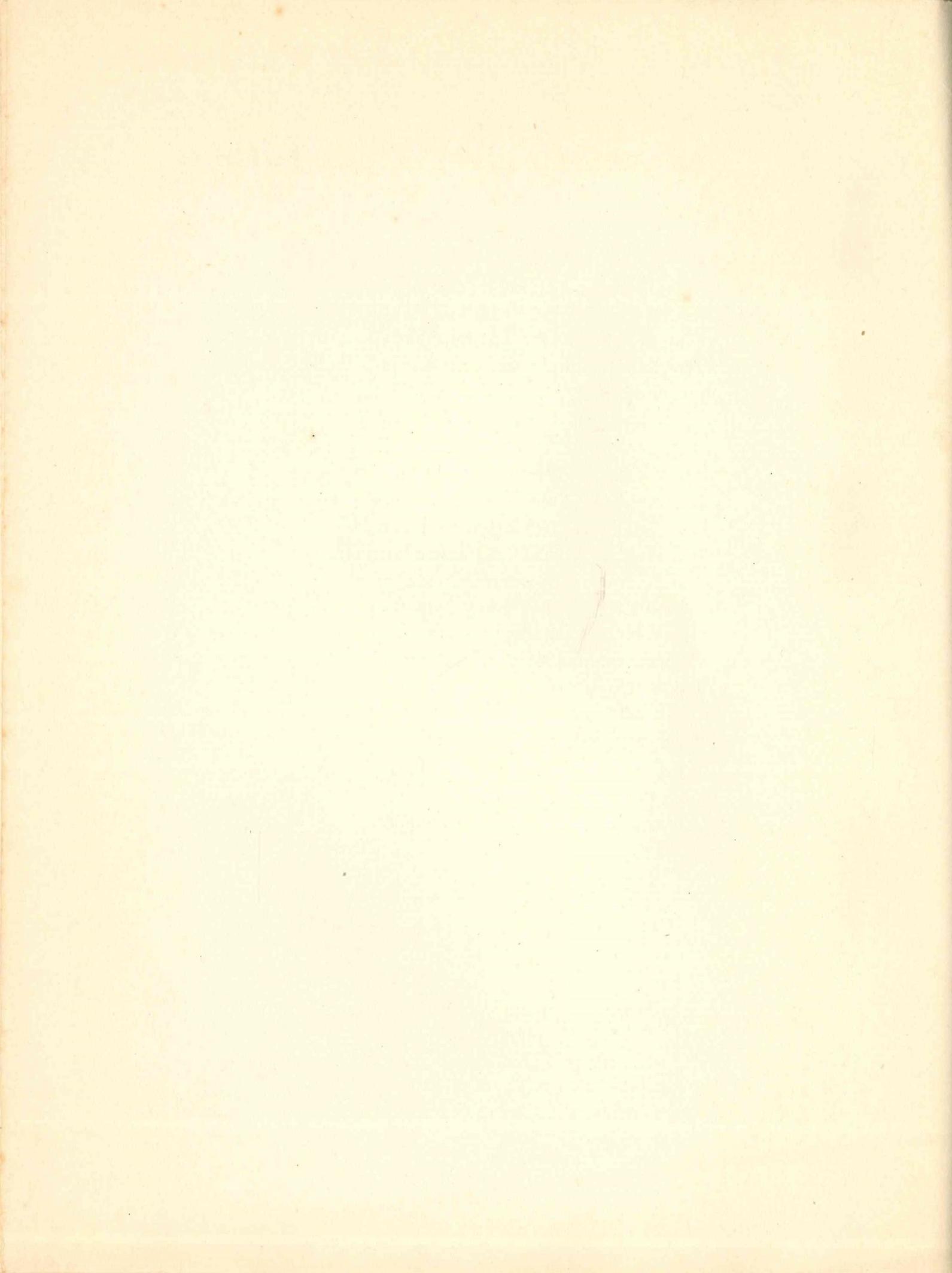
Rompia o dia... Então pude escutar:
— Avé... Com todo o amor... Avé Maria.
Silêncio... Oiço uma voz a soluçar,
Meu filho está curado! Ó que alegria!

Milagre! Ecoa enfim com rapidez...
Senti a emoção em mim viver;
Mas quási duvidei... Não queria crêr
Naquilo que eu só vira uma vez...

O meu olhar abriu-se para vêr,
A brisa que passára n'outro olhar,
Então pude sorrir, tendo de crêr,
E quási sem querer me vi ajoelhar.

Olhei p'ra multidão quási num repente,
E li com nostalgia em cada peito:
— Só Deus é grande... O Deus que ao inocente
Tirou p'ra ser feliz soturno leito.

Soou o adeus à Virgem. Naquele êrmo,
Já tudo diz adeus numa saüdade,
BEIJANDO COM A ALMA CADA ENFÊRMO.



Na aurora do arrependimento

Num sonho já vivido, e já passado,
Vivi, sem dar por isso os desenganos.
O tempo foi passando com os anos,
E aos anos roubei sempre um bom bocado.

Roubei, contudo eu fui sempre o roubado,
Mas que fazer, então? Se os meus enganos,
Só a mim me causaram muitos danos,
Só a mim me culpo. Sou maior culpado.

Na rota interminável do prazer,
Julguei viver a vida na ilusão...
Mentiras, só mentiras pude vêr,

E hei-de sentir ainda a acusação,
Em espirais de dôr quando morrer.
Em mim existiu mais dum coração.



Conclusão

Fatal sorriso...

.
Meu companheiro de tristezas,
Vento ciclópico que beijei,
No aclave imenso da vida.
Mas tudo passa...
E nosso amor passou também.
Passou...
E a dôr não foi com êle,
Não foi...
A dôr ficou eternamente,
Colando aos seus, os lábios meus.
Nunca eu sonhásse a Primavera,
Na espiral dos seus segrêdos.
Nunca eu vivesse seus sinais!
Risos simbólicos... Fatais
Como as espadas dos seus dedos.

.
.



biblioteca
municipal
barcelos



59121

Ainda há sol na montanha